

CRISTO E MAMOM

Texto referencial: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar o outro; ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas, "mamomas"(Mt 6.24).

I- Mamom, um ídolo

O termo "mamom", de origem aramaica, servia para designar a soma dos bens terrenos: Posses e dinheiro. Não era um deus oficial de qualquer culto pagão, mas se constituía, e ainda se constitui, verdadeiramente, um ídolo universal, pois nos tesouros materiais o homem coloca o coração (Mt 6.21). Eis porque os ricos, os que são idólatras de mamom, dificilmente entrarão no reino dos céus (Mc 10.25. Leia 10.23-31). Jesus, sabendo que mamom era deus de fato, não de direito, pessoalizou-o e lhe indicou o lugar ocupado na concorrência do senhorio a Jesus Cristo. A circunstância da não identificação de mamom o tornava mais universal, livre das fronteiras dos escrúpulos religiosos de cristãos e judeus. Então, o sapientíssimo Nazareno procurou individualizá-lo, identificá-lo e qualificá-lo como a maior e mais poderosa divindade de um paganismo materialista que:

- a- Preferia as posses deste mundo às riquezas celestiais. Exemplo: Jovem rico (Mc 10.17-22).
- b- Priorizava a propriedade e a família, menosprezando a dimensão espiritual da existência, rejeitando o convite redentor do Mestre. Exemplos: O que comprou um campo; o que adquiriu cinco juntas de bois; o que tinha de ficar com a esposa (Lc 14.15-24).
- c- Estimulava o mamocentrismo, a avareza e descaridade. Exemplos: O rico insensato (Lc 12.16-21), e o rico avarento e descaridoso com seu compatriota pobre, Lázaro (Lc 16.19-31).

Mamom, na verdade, nunca foi uma divindade pagã, mas é um ídolo terrível, um poderosíssimo senhor. Muitos, como Judas Iscariotes, trocam o Salvador pelo dinheiro.

II- DEUS E CÉSAR (Mt 22.15-22)

Os fariseus, em comum acordo, montaram uma armadilha, segundo eles infalível, para que nela Jesus caísse. Mandaram seus jovens alunos, acompanhados de herodianos, com a missão de perguntarem a Jesus se era lícito ou não pagar tributo a César. Supunham que qualquer resposta seria tomada como acusação contra o divino Mestre ou perante o tribunal romano ou diante do judaico. Jesus, porém, teve a terceira opção, a mais correta, tomada como parâmetro pela Reforma, que estabelece a definitiva separação entre a Igreja e o Estado, mantendo a responsabilidade com ambos: "*Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*"(v. 21). O cristão possui dupla cidadania e, como tal, paga o que é devido ao seu governo, o tributo, e entrega a Deus o que lhe pertence, o Dízimo. Jesus, pois, reprova qualquer sonegação: A do imposto, que é do Estado, e a do Dízimo, que é de Deus. Com a magistral resposta nosso Senhor retira duas indevidas pretensões a- A do imperador romano de ser divino e senhor da Igreja. b- A da Igreja de se intrometer em questões estatais e querer, às expensas dos cofres públicos, manter-se e manter seus privilégios. O denário do tempo de Tibério trazia no rosto a inscrição: "Tibério César Augusto, filho do Divino Augusto", e no verso: "Sumo Pontífice". Acreditava o rei de Roma possuir os poderes temporais e espirituais, como ainda hoje acredita o Papa. Igreja e Estado devem relacionar-se bem, mas sem vínculos oficiais. O governo nos fornece

o dinheiro e o garante; com ele compramos, vendemos, recolhemos os impostos devidos; mantemos as obras sociais da Igreja e entregamos nossos dízimos para manutenção do culto e sustento da evangelização.

III- O DINHEIRO E O REINO DE DEUS

III. 01- CONSAGRAÇÃO DOS UNGIDOS

Os levitas, no Velho Testamento, não receberam herança na Terra da Promissão(Nm 18.23,24; Dt 12.12), pois Deus precisava deles com dedicação exclusiva para os serviços litúrgicos, guardas do Tabernáculo e mestres da lei; viviam da generosidade do povo (Dt 12.19) e das ofertas a Deus(Nm 18.8-20). A carne dos sacrifícios, antes comida pelos sacerdotes e levitas, agora é comida representativa e simbolicamente na participação eucarística: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, permanece em mim e eu nele"(Jo 6.56. Ver o contexto). Do sacrifício participa toda a Igreja, novo corpo sacerdotal de Deus.

Os apóstolos, no Novo Testamento, à semelhança dos levitas, foram retirados de suas profissões e posses e enviados sem qualquer compromisso com Mamom: "Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão: porque digno é o trabalhador do seu alimento"(Mt 10.9,10; cf I Co 9.7-12). Deus jamais admitiu o mercenarismo no ministério pastoral. Jesus expulsou os vendedores e os cambistas do templo, homens desonestos, que exploravam os crentes em benefício próprio(Jo 2.13-17). Venalizar o pastorado é profanação do ministério. O rebanho não é do ministro, mas de Jesus Cristo, o Sumo Pastor de quem os pastores são escravos(douloi). Pastoreio de tempo parcial não é instituição bíblica, embora a Igreja de nossos tempos o admita. Dedicção exclusiva é o que Deus requer de seus pastores docentes, e a Igreja precisa tomar consciência disso. Os dons do Espírito e as bênçãos divinas não são produtos de mercado.

III. 02- CONSAGRAÇÃO DOS LEIGOS

Os ministros não devem ter subvenção do mundo secular, mas precisam ser sustentados com dignidade, sem ostentação e sem luxo. O sustento dos pastores, segundo a ordenação divina, é direito, dever e privilégio da Igreja. Todo regenerado é um escravo privilegiado de Deus, pois fica com 90% de sua renda, enquanto ao seu Senhor, dono de sua vida, de seu trabalho e de todos os seus meios de produção, cabe apenas 10%. Dízimo não é desprendimento e nem generosidade, é obrigação, dever e honestidade. Generoso é Deus para com os seus escravos, dando-lhes 90%. O irregenerado não entende e não aceita o dízimo, mas tributa à carne, ao mundo e ao maligno muito mais, gastando seu dinheiro naquilo que não é pão(Is 55.2), sustentando a luxúria, a vaidade, os vícios físicos, sociais, morais, concupiscentes, carnavais, que lhe danificam o corpo, corrompem-lhe o caráter, pervertem-lhe a mente, encurtam-lhe a vida. Há pessoas que dão tudo por um prazer sensual, mas acham absurdo um servo de Deus entregar ao seu Senhor a pequenina parcela de 10% para manutenção de sua obra no mundo. Os crentes da Igreja primitiva de Jerusalém, vendendo seus imóveis e bens, colocavam o produto da venda à disposição dos apóstolos para assistência aos necessitados(At 2.45; 4.34,35). Também os crentes pobres da Macedônia ofertaram generosamente em favor de seus irmãos da Judéia(II Co 8.1-7). Porém, nenhum exemplo supera o da:

III. 03- VIÚVA POBRE (Lc 21.1-4).

No Pátio das Mulheres do templo de Herodes ficava o gazofilácio, área reservada aos treze cofres em forma de trombeta. Cada um se destinava ao recolhimento de ofertas específicas como, por exemplo, manutenção do templo, aquisição de azeite, de lenha, de incenso. O povo depositava seus óbolos nas diversas trombetas, segundo a finalidade de cada uma. Jesus observava, notando que os ricos faziam ofertas generosas, mas o que ofertavam não lhes fazia falta, pois doavam das sobras, daquela parte que reservavam para gastos extras. Veio uma viúva muito pobre (penichra=paupérrima) e depositou numa das trombetas duas moedinhas de bronze(lepta). O valor do "lepton"(delgado, fino) era ínfimo, aproximadamente um quarto de centavo. Tão insignificante quantia, no entanto, representava tudo que possuía, todo o seu sustento. Sobre o evento em apreço ressaltamos o seguinte:

a- Ser viúva israelita nos tempos neotestamentários era muito difícil. O quadro se agravava com o estado de extrema pobreza, penúria mesmo, da ofertante.

b- Menosprezada por sua condição de mulher e de viúva, amava a Deus sobre todas as coisas, mais do que a si mesma. Amava por consagração pessoal e íntima, não por atos declaratórios verbosos ou por exibição pública de piedade.

c- A sua pequenina oferta, mas tudo que possuía, foi, na verdade, um sacrifício, uma oferenda a Deus de seu próprio ser. Para ela, a totalidade de suas posses pertencia a Deus. Os outros ofertantes, resguardado o patrimônio pessoal, entregavam uma parte das sobras. Eram crentes ainda muito materialistas por confiarem mais no dinheiro que possuíam. Certamente Deus não deixou sua serva, viúva, amorosa, consagrada e confiante, passar necessidade, fazendo cumprir em sua vida o imperativo da promessa: "Buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas"(Mt 6.33).

CONCLUSÃO

O mamonismo se expressa hoje:

a- Em consumismo, luxúria e esbanjamento.

b- Em ministros venais, voltados para a renda mensal, não devotados a Deus; homens de duplas profissões, a de pastores e a de funcionários seculares, incluindo aqui alguns que ministram por dinheiro, condicionando o ministério ao salário. Certamente há exceções.

c- Em Servos que dizem amar a Deus, mas lhe negam a totalidade de seus dízimos ou parte deles. Deus não tolera a infidelidade e a falsidade de seus filhos. Vejam o que aconteceu a Ananias e Safira(At 5.1-11). O que é de Deus não pode ser retido.

d- Em pessoas que, supondo conseguir suficiência, indepedência, projeção e predominância, apegam-se fanaticamente ao dinheiro, tornando-se escravas de mamom, usurárias e avarentas, chegando mesmo à impiedade, à desumanidade, à incredulidade. O dinheiro, quando se torna o objeto de nosso amor e o centro de nossa esperança é, realmente, raiz de todos os males.

MEDITAÇÕES SEMANAIS

Segunda: Solidariedade comunitária-Atos 4.32-37

Terça: Manutenção de ministros-I Co 9.9-17

Quarta: Renúncia de bens materiais: Mt 10.9-15

Quinta: Renúncia do ego- Mt 16.24-28

Sexta: Jesus paga o imposto- Mt 17.24-27

Sábado: O perigo das riquezas- Mt 19.23-30

Domingo: O perigo da ganância- I Tm 6.6-10